

O riso como efeito estético

GISLAINE SIMONE SILVA MARINS

Embora se possa pensar que o cômico e o riso são fenômenos ligados entre si por uma relação de causalidade, em que o segundo decorre do primeiro, alguns autores mostram que esses fatos podem ser vistos isoladamente: nem sempre o cômico produz o riso e nem sempre o riso é gerado por uma situação cômica.

Henri Bergson,¹ ainda que relacionando o cômico ao riso, situa o riso no âmbito propriamente do humano. A importância desse deslocamento, que confere ao riso maior abrangência, pode ser constatada no fato de que, para o autor, o que define o homem é sua capacidade de rir – portanto, dissociando o riso da situação cômica em si.

Vladimir Propp,² procurando uma tipologia do riso, acentua em seu texto a distinção entre cômico e riso, ao apresentar diversas variantes de riso que não provêm do cômico, ainda que risos de zombaria – ligados diretamente à comicidade – tenham um papel predominante.

Freud,³ por outro lado, atento à comicidade dos chistes – ou seja, em princípio, menos preocupado com o riso –, demonstra que essa forma de equívoco freqüentemente ocorre de maneira involuntária, sendo originada no inconsciente de modo a gerar um prazer aceitável para o sujeito devido à maneira cômica como é trazida à consciência.

¹ BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

² PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

³ FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

Sem ignorar essas considerações, mas voltando a Aristóteles, para quem o riso é o efeito catártico por excelência da comédia – e lembrando que esta é uma imitação de ações humanas –, queremos observar a pertinência do riso como um elo que inter-relaciona a arte e a realidade. Em outras palavras, a estreita ligação da comédia com o real, dada pela verossimilhança, culmina com o riso. Daí Bergson constatar que o riso é um ato social, que é melhor quanto maior for o público assistindo à cena cômica. Essa liberação que conta com a cumplicidade de todos os presentes extrapola o cômico, embora seja causada por ele.

Propp utiliza a palavra *desvio* para descrever a produção do cômico. De vários modos, a comicidade provém de uma ruptura com um padrão rígido, a qual o espectador ou leitor não espera. Freud também usa um termo semelhante – *deslocamento* – para mostrar de que forma o chiste traz um fato inconsciente à consciência, gerando uma situação cômica. Semelhanças à parte, os ensaios mostram que há uma diferença entre o cômico e o chiste, embora tal aspecto seja considerado em relação ao efeito do riso. Parece que os movimentos de produção desses fatos são opostos entre si: o cômico ocorre do exterior para o interior, enquanto o chiste realiza o trajeto contrário.

A explosão do riso provocada por uma cena cômica não parece ser originada por uma reflexão, mas aparenta ser mesmo uma reação – Bergson diz que uma piada provoca risos quando é contada pela primeira vez, mas não pela segunda: o fato de já conhecer o roteiro, a ruptura inesperada, de poder refletir sobre o encadeamento e o *non sense* que se instala não tirariam do espectador ou leitor a capacidade de rir? O riso parece uma reação inconsciente (ou apenas pré-consciente, para concordar com Freud), que não se repete quando se toma consciência da ordem que os fatos irão apresentar. O chiste, fazendo caminho inverso, surge de uma inconsciência e só se torna chiste pela consciência que se toma do equívoco, implicando a necessidade de reparação, ou seja, provocando o riso.

De maneiras diversas, vê-se que as várias considerações sobre o cômico – e o chiste pode ser incluído aí como uma subcategoria, como admite Freud – convergem para o riso, mas não vão além dele. Porque é abordado do ponto de vista antropológico, psicológico e social pelos autores estudados, os exemplos literários utilizados não esgotam o riso como pro-

blema literário, existente desde Aristóteles,⁴ que o considera como catarse da comédia – sua causa final –, conferindo a ele uma função relevante.

Retomando a idéia de riso como elo entre a arte e a realidade e extrapolando a concepção aristotélica, os aspectos discutidos por Bergson, Freud e Propp suscitam o questionamento sobre o modo como um fato ligado a processos de ordem social e psicológica pode exercer uma função estética. Além disso, observar que nem todo riso atinge esse patamar também constitui um desafio, que não se resolve na verificação dos mecanismos que provocam esse ou aquele tipo de riso, já que não basta explorar as possibilidades de produção do cômico para se obter um efeito estético.

Assim colocada, essa discussão pode sugerir duas interpretações: a de que há uma gradação valorativa que distingue o riso estético do não-estético e a de que o riso pode ser estudado a partir de uma relação intertextual que se estabeleça entre o contexto em que é gerado e os discursos conhecidos pela audiência ou pelos leitores.

A diferença entre essas perspectivas é evidente: a primeira parte de uma visão estática, que, embora possa ser útil no sentido de descrever o repertório de possibilidades de criação do cômico e do riso, somente permite a verificação da boa ou má escolha para o efeito estético que a literatura pretende provocar. Além disso, parece considerar o riso como um fato exterior à obra, como se as partes que a constituem não possuísem estreita relação entre si.

A segunda é originada por uma concepção dinâmica, que parece atender a uma especificidade da comédia, a qual é localizada histórica e socialmente – já que, conforme a reconstrução de Janko, focaliza dialetos regionais e homens “inferiores”. A intertextualidade que envolve a produção do riso demonstra por que a comédia pode gerar reações diversas em épocas diferentes e por que pode manter sua comicidade, mesmo quando já não causa o riso. Isso não significa que o riso e o cômico estejam dissociados: a necessidade de relação entre eles para produzir a catarse não pretende ser negada aqui. Entretanto, o distanciamento temporal pode atenuar o efeito do cômico, se a relação entre os discursos – o da comédia e os que são alvo da comicidade – não se encontra prontamente introjetada pelo público, impedindo o riso automático.

⁴ JANKO, Richard. Poetics II: a hypothetical reconstruction. In: ———. *Aristotle on comedy*. Berkeley: University of California, 1984.

Compreender o riso como um elo nitidamente intertextual é uma tentativa de inseri-lo no âmago da comédia. Contudo, não significa considerá-lo um elemento qualitativo, equiparando-o ao mito ou aos caracteres, por exemplo. Embora a verossimilhança esteja presente em todos os âmbitos da criação literária, o riso mantém uma ligação com a realidade muito mais forte que os demais elementos.

Nesse sentido, não é imprudente afirmar que o riso descrito por Bergson, que o define como um fato social, está presente na comédia. Além disso, essa concepção de riso na comédia não entra em contradição com Aristóteles, que, segundo Janko, entende que o riso estabelece dois tipos de relação: com as partes da comédia e com a audiência.